

## RETRATO DO GÉNERO HUMANO QUANDO BEBÉ UMA LEITURA DE “MENINO A BICO DE PENNA” DE CLARICE LISPECTOR

## PORTRAIT OF THE HUMAN CONDITION AS A BABY AN INTERPRETATION OF “MENINO A BICO DE PENNA” BY CLARICE LISPECTOR

**Pedro Meneses\***  
p.ribeiro@uniandes.edu.co

Neste artigo, elabora-se uma leitura de um conto de Clarice Lispector, “Menino a bico de pena”. Essa leitura atravessará outros contos e romances da autora, para elucidação de alguns temas recorrentes neste território textual. Demonstra-se como, a partir da observação de um bebé, Clarice Lispector define um posicionamento ético em que a alegria, a criação e o tempo são conceitos significativos. Para além disso, nos seus textos, as ideias de alegria e felicidade não se relacionam com o conjunto de valores humanos dominante, o que instiga uma leitura pós-humanista.

**Palavras-Chave:** Clarice Lispector; ética; alegria; tempo; criação; humano

In this article, we offer a reading of a short story by Clarice Lispector, “Menino a bico de pena”. This reading will cross other short stories and novels by the author, to elucidate some recurring themes in this textual territory. This article shows how, in the mentioned short story, from the observation of a baby, Clarice Lispector defines an ethical position in which joy, creation and time are significant concepts. Furthermore, in her texts the ideas of joy or happiness are not related to the dominant set of human values, which incites a post-humanist reading.

**Keywords:** Clarice Lispector; ethics; joy; time; creation; human

Data de receção: 21-02-2020

Data de aceitação: 25-05-202

DOI: <https://doi.org/10.21814/2i.2529>

---

\* Professor Visitante, Universidad de los Andes, Bogotá, Colômbia. ORCID: 0000-0001-7856-9166

*Sim: cair até a abjecção. Eis a ambição deles.*  
— Clarice Lispector

*escreve-se com o desejo, e eu não paro de desejar.*  
— Roland Barthes

## 1. Menino desenhado com subtileza

Gostaria que este fosse um ensaio sobre um bebê representativo do género humano. Não do sentimento de que Clarice Lispector se afasta, porque é obstáculo à descoberta da escrita, mas do género humano como cavalo indomesticado ou raça híbrida originária atravessados em desejo. A paixão segundo o bebê, uma hipótese. O processo tosco de escrita segundo um bebê, outra possibilidade. Como retratar o movimento ético? – seria outra pergunta formulável a partir do conto de Clarice Lispector, “Menino a bico de pena” (Lispector, 2001, pp. 64-67), publicado em *Felicidade Clandestina* (1971), escrito a partir de uma crónica – a qual já era uma ficção – escrita para o *Jornal do Brasil* no dia 18 de outubro de 1969. Este conto será tomado como ponto de partida para uma reflexão breve sobre temas importantes na obra da autora. Como retratar o movimento sem que isso implique a morte? É um texto também ele inexato como o bebê, como a vida, como a escrita, diríamos, seguindo Clarice Lispector, que escreveu em *Água viva*: “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, género não pega mais” (Lispector, 2012, p. 12). E ainda: “Isto é uma tempestade de cérebro e uma frase mal tem a ver com a outra” (Lispector, 2012, p. 68). O movimento não se deixa mortificar, retratar; a escrita é, para Clarice, a possibilidade de o cavalo novo correr sem o freio. Escrita da saúde que reivindica a possibilidade de saltar de tema em tema, de derivar, rebarbativa a ter que somente contar uma história. Clarice permite-se atravessar muitos temas com o seu estilo oracular e denso. Assim se constitui uma escrita do desejo, oposta ao tédio, que luta por preservar um impulso selvagem e visa esquecer o conhecimento da técnica literária e das estruturas dos géneros.

Escrita do informúlável, impossível de concetualizar, como o bebê, protagonista da história de “Menino a bico de pena”: “Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então, ele estará ao meu alcance” (Lispector, 2001, p. 64). Menino cujos afetos e movimentos apenas a subtileza da pena poderá tentar representar. Nenhuma representação possuirá a intensidade que a vida do menino exhibe ostensivamente. Apenas mais tarde, tendo sido educado, o menino poderá ser retratado e conhecido. Trata-se de um conto em que se reflete também sobre a relação entre uma mãe e um bebê e sobre as temáticas significativas daqui derivadas.

## 2. Atualidade: alegria

Como escrever sobre um bebê? Como desenhá-lo? “Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive” (Lispector, 2001, p. 64), afirma o narrador. Apenas com muita delicadeza seria possível desenhar a “extrema atualidade em que ele vive”, a sua ligação intensa com o mundo. Usar carvão seria uma falta de subtileza e de rigor, uma vez que, na atualidade, as formas não são rígidas. A atualidade é exercício no presente puro, em que o tempo se torna desejo. No movimento atual, o sujeito perde a forma – e a identidade. Escrever não é atividade rígida executada

com plano prévio, mas criação de um plano de subdesenvolvimento. Implica não pensar antes do ato da escrita de modo a poder ser atravessado o desconhecido por via de novos usos da língua: “Escrever como um cão que faz um buraco, um rato que faz a toca. E, por isso, encontrar o seu próprio ponto de subdesenvolvimento, o seu patoá, o seu próprio terceiro mundo, o seu próprio deserto” (Deleuze & Guattari, 2003, p. 42).

O bebê não se deixa corromper pelo futuro. Ainda não foi educado, nem engrossou com sentimentos humanos, nem conheceu a grande avidez de viver. É um criador que irão educar, engrossar: “Falar, e sobretudo escrever, é jejuar” (Deleuze & Guattari, 2003, p. 44). Em *A paixão segundo G.H.*, fala-se da aspiração comum a ser cada vez mais humano, com mais sentimentos, mais beleza, mais sucesso, em contraposição à alegria insípida do mortal:

Até então eu estivera tão engrossada pela sentimentação que, ao experimentar o gosto da identidade real, esta parecia tão sem gosto como o gosto que tem na boca uma gota de chuva. É horrivelmente insípido, meu amor. (Lispector, 2000, p. 83)

Assim sendo, apenas é possível retratar os sujeitos que são constituídos pelos valores do humano e desconhecem a atualidade: “Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera” (Lispector, 2001, p. 64).<sup>1</sup> O retrato do bebê depende, pois, da sua domesticação, na qual ele participa delicadamente: “Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício” (Lispector, 2001, p. 64). A humanização é o abandono da atualidade, do inferno, da alegria, do deserto; o grande lamento da protagonista de *A paixão segundo G.H.* consistiu em ter desprezado o deserto por tanto tempo: “Ao me ter humanizado, eu me havia livrado do deserto” (Lispector, 2000, p. 74). O bebê, por seu turno, é deserto, “actualidade que queima” (Lispector, 2000, p. 81), inferno.

Antes do humano, segundo Clarice, havia o modo primitivo de se ligar com o mundo, de procurar a alegria. A educação corresponde, por seu turno, à aprendizagem de um modo funcionário de viver, em que se procura avidamente mascarar o vazio com comportamentos da multidão: somar experiências com modos sofisticados, grandes palavras, sentimentos humaníssimos. Já o bebê ensina a desaprendizagem do humano; é o antes do humano, outro nome para pré-história, *It*, Deus, atonal, barata: “Trinta mil desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos?” (Lispector, 2001, p. 64).<sup>2</sup>

Apesar de tudo, o menino aceita ser educado porque não quer enlouquecer:

Ultimamente ele tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco – pela bondade necessária com que nos salvamos – ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco. (Lispector, 2001, pp. 64-65)

O menino não quer mudar a cabeça a cada instante; por um instinto de obediência, tudo aceita. Sai do atual que possibilita levitar e entra no peso do cotidiano, que o torna

<sup>1</sup> Como é sabido, Clarice Lispector também foi pintora, pelo que o conto em análise poderia ser lido tendo em consideração a sua obra pictórica ou os textos da autora sobre o ofício da pintura.

<sup>2</sup> O menino parece pertencer à raça do Ele-ela arcaica descrita no conto “Onde estivestes de noite”. Antes da divisão que inaugura a nostalgia e o futuro, havia uma espécie, os mortais, que não entristecia porque no mundo sempre faltará a metade de tudo: “Arriscavam tudo, já que fatalmente um dia iam morrer, talvez dentro de dois meses, talvez sete anos – fora isto que Ele-ela pensava dentro deles” (Lispector, 1999, p. 44).

permeável à exasperação. Mais tarde, poderá compreender que esta bondade é abdicação de ser quem se é. Com medo da má consciência que lhe é provocada, poderá realizar o grande sacrifício de não ser e converter-se, também ele, na má consciência dos outros.

É da importância de devir-inumano que fala Clarice, da loucura em que o corpo se esquece de si próprio (meditando), assim tornando possível a ação:

Quero o inexpressivo. Quero o inumano dentro da pessoa; não, não é perigoso, pois de qualquer modo a pessoa é humana, não é preciso lutar por isso: querer ser humano me soa bonito demais.

Quero o material das coisas. A humanidade está ensopada de humanização, como se fosse preciso; e essa falsa humanização impede o homem e impede a sua humanidade. Existe uma coisa que é mais ampla, mais surda, mais funda, menos boa, menos ruim, menos bonita. Embora também essa coisa corra o perigo de, em nossas mãos grossas, vir a se transformar em “pureza”, nossas mãos que são grossas e cheias de palavras. (Lispector, 2000, p. 127)

O inumano é a travessia das zonas de intensidade do corpo, a descoberta de uma alegria tranquila. Tal possibilidade do corpo resulta da sincronização, inteiramente no presente, de movimento corporal e pensamento. É a “construção do plano de imanência” em que esta “consciência-corpo” se livrou das forças grosseiras que a cerceavam, pertencendo “ao grande plano cósmico”, à “pura energia sem Forma”, como afirma José Gil num capítulo em que se relaciona o pensamento de Gilles Deleuze e os exercícios do *âsana* (Gil, 2018, pp. 214-215). No trecho clariciano, misturam-se conceitos, que dançam e são torcidos: a humanidade avulta na desumanidade, no fim do juízo e de uma certa visão épica da existência. Humanidade como anelo de felicidade grossa, insistente e violenta, onde só cabe a pureza – que, por exclusão de partes, somente em cada um seria encontrada.

Como também se pode inferir a partir do excerto citado, amostra das reflexões que a autora elabora de modo distinto em vários passos do seu território textual (incluindo-se o conto “Menino a bico de pena”), esta humanização que avidamente se procura é falsa. Porque o açúcar dos sentimentos humanos não aceita esbarrar no ‘não’: é intransigente, agressivo. A fome de mundo é insaciável; no entanto, o mundo não é extensão do leite materno. A busca ávida da doçura é, muitas vezes, abdicação de autoconstrução ética, enquanto o fervor humano é indisponibilidade para a vida quase na proporção em que se afirma com radicalidade verdadeiro. Deste modo, o devir-inumano clariciano é, paradoxalmente, a construção árdua de um modo ético de se ser humano; é da ordem do instintivo, ainda não ensopado pela humanização, como se pode ler em *A hora da estrela*: “Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo” (Lispector, 2002, p. 19). O desejo depende do reconhecimento em vida de que se vai morrer, condição para o exercício ético, urgente, e para um “real acesso ao outro” (Mourão, 2015, p. 179). Este desejo encontra-se do outro lado da multidão, dos seus hábitos e interesses.

Esse desejo – a escrita – concretiza-se “ousa[ndo] tomar o gosto (para o que é preciso atenção) do habitual”, refere Maria Filomena Molder num ensaio intitulado “Sobre a alegria” (Molder, 2017, p. 261). Hábitos individuais, distintos da violência da sentimentação, do açúcar.<sup>3</sup> Neste ensaio, Molder considera a repetição como essencial para a alegria. Quando a repetição dá lugar à interrupção, avulta a tristeza, a catástrofe:

<sup>3</sup> Uma expressão tomada de empréstimo de Roland Barthes a partir de *Manhã* de Adília Lopes: “Barthes escreveu já não sei onde cito de cor: o açúcar é violento. Acho que tem razão” (Lopes, 2015, p. 94). A obra de Adília Lopes permite-nos compreender como o açúcar do sentimento pode promover lógicas tribais de exclusão e, inclusive, violência. Essa outra vida prometida significaria, ainda, um adiamento permanente daquilo que se pode, a incapacidade de “afetar e ser afetado”: “Este era já o projecto de Nietzsche: definir o corpo em devir, em intensidade, como poder de afectar e ser afectado, quer dizer, *Vontade de poder*” (Deleuze, 2000, p. 177; itálicos do autor). Muitas vezes, pois, uma existência açucarada implicará uma vida

A interrupção mais terrível desse vínculo dá-se na visão catastrófica do mundo, aquela em que nada voltará a nascer, aquela em que a luz do dia não regressará. Esse desabamento de qualquer repetição, o poder hostilíssimo do que nunca mais se pode esperar, é o Apocalipse. (Molder, 2017, p. 262)

A suspensão do exercício habitual (da escrita) é apocalíptico. Seria possível recolher em entrevistas de Clarice Lispector, ou na sua obra, afirmações em que se manifesta tristeza pela interrupção do processo criativo a que o mundano, o cansaço, a luta, obrigam. Antes do regresso ao conto sobre o inumano que o bebê ensina, cite-se um passo de outro conto, “Tanta mansidão”, em que se elucida quanto ao tipo de alegria característico do processo de escrita:

Em pleno dia era noite, e essa coisa que não quero ainda definir é uma luz tranquila dentro de mim, e a ela chamariam de alegria, alegria mansa. Estou um pouco desnorteada como se um coração me tivesse sido tirado, e em lugar dele estivesse agora a súbita ausência, uma ausência quase palpável do que era antes um órgão banhado da escuridão da dor. Não estou sentindo nada. Mas é o contrário de um torpor. É um modo mais leve e mais silencioso de existir. (Lispector, 1999, p. 86)

A escrita é despojamento da ‘sentimentação’, do mundano; exercício repetitivo, gaia ciência em que se descobre o desconhecido na linguagem, no outro, na interioridade. Não é alegria ruidosa, dos que vencem e celebram, mas dos conscientes de que por enquanto estão vivos. É por esta razão que a escrita supõe a ausência de identidade ou retrato fixos e implica a coragem da discrição, um certo anonimato em que escrever é possível. Uma alegria sóbria e lúcida, equivocadamente confundida com torpor. Em *A paixão segundo G.H.*, pode ler-se como esta alegria foi aprendida graças ao encontro com a barata: “com fome apenas do pouco, com fome apenas do menos” (Lispector, 2000, p. 100). Uma escrita que não é espampanante nem possui os rigores e detalhes do relatório (definida, antes, por simplicidade lexical e estranheza sintática) é consonante com o estilo de vida defendido. É expressão, ainda, da voracidade de viver, de uma certa embriaguez.

Em litígio com esta alegria, encontra-se uma outra, desesperada e pouco lúcida, perseguida com avidez por algumas personagens de Lispector, como a do conto de abertura de *Laços de família*, “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”, cujo título elucida precisamente o nosso argumento. Exemplifique-se com um passo em que são observadas minuciosamente as aspirações de uma rapariga embriagada – de vinho, jactância, sentimentos grossos – durante um jantar:

E se lhe estavam brilhantes e duros os olhos, se seus gestos eram etapas difíceis até conseguir enfim atingir o paliteiro, em verdade por dentro estava-se até lá muito bem, era-se aquela nuvem plena a se transladar sem esforço. Os lábios engrossados e os dentes brancos, e o vinho a inchá-la. E aquela vaidade de estar embriagada a facilitar-lhe um tal desdém por tudo, a torná-la madura e redonda como uma grande vaca. (Lispector, 1990, p. 10)

Tal embriaguez de humanidade<sup>4</sup> redundava no mais raso niilismo. Uma personagem de “A menor mulher do mundo”, conto de Clarice Lispector incluído em *Laços de família* (1960), reconhece inclusive risco de maldade no desejo feroz de felicidade: “E considerou

---

de “desespero passivo”, como destaca Clarice Lispector na crônica “Aprendendo a viver” (Lispector, 2013, p. 226); essa existência é imposta violentamente, quantas vezes subtraindo possibilidades, subtraindo mundo. Em *L’Abécédaire*, Deleuze sintetiza, a propósito de A de Animal, o que está aqui em causa: “É curioso, pois muita gente, muitos humanos não têm mundo. Vivem a vida de todo o mundo, ou seja, de qualquer um, de qualquer coisa, os animais têm mundos” (Boutang, 1996).

<sup>4</sup> Em sentido contrário, Gilles Deleuze e Claire Parnet (2004, p. 71) afirmam que a grande embriaguez só no deserto é possível: “Tentamos extrair do álcool a vida que contém, sem beber – a grande cena da embriaguez com água pura em Henry Miller. Dispensar o álcool, a droga e a loucura, é isso o devir, o devir-sóbrio, para uma vida cada vez mais rica.”

a cruel necessidade de amar. Considerou a malignidade de nosso desejo de ser feliz. Considerou a ferocidade com que queremos brincar. E o número de vezes que mataremos por amor” (Lispector, 1990, p. 64). Para além da maldade a que uma certa aspiração à felicidade ou à alegria – sem ética, sendo, por isso, inexatas tais designações – conduz, estes considerandos de mãe permitem pôr a hipótese segundo a qual uma educação demasiado adstrita a certos valores da humanidade afasta os filhos da animalidade (do espontâneo) que permite não só fazer como compadecer-se dos outros.

Em vários pontos da obra clariciana é reescrito esse momento epifânico em que a vida se revela. Nesse instante prenhe, torna-se evidente que a mortalidade é a única hipótese da alegria e que viver segundo certos pressupostos metafísicos é uma calúnia. A revelação da vida implicará o ofício ético de fazer-se e escrever. No conto “A ira”, a referida conexão entre felicidade e maldade é desenvolvida num estilo próximo do ensaístico: “Minha gula pelo mundo: eu quis comer o mundo, e a fome com que nasci pelo leite, essa fome quis se estender pelo mundo, e o mundo não se queria comível” (Lispector, 2001, p. 80). Distingue-se a alegria ética de um outro tipo de alegria, tribal, a luxúria dos que desejam comer o mundo: comer e beber muito e bem, ser visto com felicidade embrutecida, com sucesso e vitória, para isso gritando, gemendo,<sup>5</sup> porque só esse anelo desesperado tornaria, enfim, a vida digna de ser vivida:

E depois foi quando o amor pelo mundo me tomou: e isso já não era a fome pequena, era a fome ampliada. Era a grande alegria de viver – e eu pensava que esta, sim, é livre. Mas como foi que transformei, sem nem sentir, a alegria de viver na grande luxúria de estar vivo? (Lispector, 2001, p. 81)

A expectativa comum da grande alegria de viver não é livre, infere-se; será talvez uma expressão do medo – daquilo que se pode, medo de não pertencer à estrutura social, de não desejar o desejo do Outro. Escolher ser quem fatalmente se é, essa coragem discreta, não é tão frequente.

### 3. O acrobata

Regressemos ao conto “Menino a bico de pena” sobre um bebé e seus micromovimentos. O contexto em que surge o bebé é minimal: está em casa, a mãe está presente. Como em outras obras da autora, existe uma quase ausência das “circunstâncias exigidas pelo realismo formal” (Diogo, 2006, p. 167) para o desenvolvimento da ficção e das personagens que a compõem. As circunstâncias de lugar e tempo são quase neutralizadas, porquanto o mais urgente – tentar compreender melhor o ser humano – se sobrepõe ao atraso – narrativo e ético – imposto pelo realismo formal: “O romance na obra de Lispector é algo como ciências humanas (...)” (Diogo, 2006, p. 182). Também as crónicas e os contos são ciências humanas e, afinal, bem realistas.

O narrador do conto em análise afirma que a loucura seria a construção do “possível” (Lispector, 2001, p. 65), ou seja, do desejo, ambos permitidos por movimentos com energia e ética: “Eu não sou louco por solidariedade com os melhores de nós que, para construir o possível, também sacrificaram a verdade que seria uma loucura” (Lispector, 2001, p. 65). A maior loucura seria renunciar ao que um corpo pode, direcionando a vida

<sup>5</sup> Alusão ao conto “Onde estivestes de noite”: “Eles queriam fruir o proibido. Queriam elogiar a vida e não queriam a dor que é necessária para se viver, para se sentir e para amar. Eles queriam sentir a imortalidade terrífica. Pois o proibido é sempre o melhor. Eles ao mesmo tempo não se incomodavam de talvez cair no enorme buraco da morte. E a vida só lhes era preciosa quando gritavam e gemiam. Sentir a força do ódio era o que eles melhor queriam. Eu me chamo povo, pensavam” (Lispector, 1999, pp. 46-47).

contra ela própria. Antes de ser convencido por um delírio argumentativo de que é impossível dançar, de que a vida é fardo suportado efemeramente, de que, enfim, tudo é igual e nada vale a pena (o niilismo), o bebê segue livremente os fluxos do que pode um corpo.

O conto acompanha-o nos seus intentos titubeantes para caminhar; como um funâmbulo, cada humano vive sem conhecer as consequências dos seus atos, nem o futuro:

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino se ergue com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguindo isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve consequências e consequências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. (Lispector, 2001, p. 65)

Na leitura alegórica aqui solicitada, os primeiros passos do humano configuram o seu modo de existir, pois é obrigado, em cada etapa da vida, a adaptar-se a contextos em que cair é possibilidade forte. Sobre base frágil, dois pés, o bebê impõe a si mesmo o movimento de maneira a evitar a queda. Como alternativa ao equilíbrio da “identidade socialmente reforçada” (Diogo, 2006, p. 183), o humano instiga-se movimento, que desequilibra, mas também entusiasmo, permitindo avançar. A ética é, pois, o essencial tornado urgente.

Na linha de uma positivação dos ascetismos feita pela Modernidade a partir da Antiguidade e do Renascimento, Peter Sloterdijk, em *Tens de mudar de vida*, recupera a metáfora nietzschiana do humano como funâmbulo: “Tudo fala neste sentido: quem procura homens encontra ascetas; quem observa ascetas descobre acrobatas” (Sloterdijk, 2018, p. 84). Os que se afastaram dos valores e das atividades sociais dominantes – da ideologia – são acrobatas em regime de autoconstituição (escritores que se levantam muito cedo são um bom exemplo). O bebê representa a intrepidez que avança para não cair no vazio coagido da identidade socialmente reforçada. Representa, também, a possibilidade de o humano, através da repetição de exercícios éticos, transcender o finito, o mundano, para alcançar a leveza que impede o sombrio cansaço de existir. A este propósito, Sloterdijk (2018, p. 85) cita Kafka: “O verdadeiro caminho é sobre um arame que não está tenso nas alturas, mas quase rente ao chão. Parece mais feito para se tropeçar nele do que para se caminhar sobre ele.” Ainda que a declinação kafkiana do funâmbulo seja menos entusiasta e ascensional do que a nietzschiana – dado que a ética parece quase equivaler a um alçapão – destaca, ainda assim, o deslocamento das tensões ascéticas para o terreno e a necessidade de exercício com atenção constante ao mínimo interior e exterior, sem os quais tropeçar seria inevitável. Trata-se de uma corda rente ao chão; todavia, com projeção para o improvável. A partir deste ponto, Sloterdijk relerá o pensamento nietzschiano enquanto atualização da potência individual, exercício afirmativo que visa ultrapassar os limites performativos estabelecidos no passado.

Esta leitura extraordinária do pós-humano com lente ética está relacionada com o abandono da sentimentalização por parte de G.H.. O neutro – *It*, inosso, barata – que as personagens claricianas descobrem é a atualidade do bebê que nenhum retrato consegue fixar. O neutro é outrossim designado por inumano, é o animal corrompido apenas pelo urgente. Trata-se da transcendência descoberta em movimento, no imanente, no silêncio entusiasmado da escrita. O improvável realizado asceticamente, num desvio do humano, do santo, dos valores dominantes:

Para o sal eu sempre estivera pronta, o sal era a transcendência que eu usava para poder sentir um gosto, e poder fugir do que eu chamava de ‘nada’. Para o sal eu estava pronta, para o sal eu toda me

havia construído. Mas o que minha boca não saberia entender – era o insosso. O que eu toda não conhecia – era o neutro.

E o neutro era a vida que eu antes chamava de o nada. O neutro era o inferno. [...]

É que não se tratava mais de fazer alguma coisa: o olhar neutro da barata me dizia que não se tratava disso, e eu o sabia. Só que não estava suportando ficar apenas sentada e sendo, e então queria fazer. Fazer seria transcender, transcender é uma saída. (Lispector, 2000, p. 68)

A Antiguidade, segundo Nietzsche e Sloterdijk, desafia-nos a realizar exercícios éticos; é, em síntese, acervo antropotécnico que possibilita a afirmação da existência no presente.

#### 4. A saúde e a presença

Para Nietzsche, era importante que a desconstrução da metafísica permitisse reconfigurar a existência individual. Injunção que, *mutatis mutandis*, se lê em várias figurações claricianas da cena da escrita. Essa transformação existencial – os protagonistas dos romances de Lispector, a começar por G.H., refletem sobre um eu passado em contraponto ao eu presente, e, portanto, são textos iniciáticos – é injunção urgente a desfrutar da “saúde do momento”, segundo a bela expressão de Goethe recuperada por Pierre Hadot numa obra importante, *Não te esqueças de viver*: “De facto, para Goethe, era precisamente essa a característica da vida e da arte antigas: saber viver no presente, conhecer aquilo a que ele chamava, como veremos, ‘a saúde do momento’” (Hadot, 2019, p. 19). Tanto a barata que G.H. descobre, como a atualidade que instintivamente o bebê explora, revelam a saúde do momento, expressão que pode ser interpretada não só segundo uma vinculação à existência, mas também de modo literal, pois a saúde – física, psicológica, social – avulta da referida intrepidez e de escolhas de como viver.

Nesta discussão, há autores que defendem que tal saúde é inconsciente, espontânea, está em acordo com a natureza; seria, por isso, mais provável encontrá-la no homem antigo. Esta era a posição de Goethe (Hadot, 2019, p. 28), para quem a inquietação romântica se devia a um exercício compulsivo do pensamento e da consciência. Talvez este posicionamento seja questionável, argumenta Pierre Hadot, posto que também nos textos antigos é possível colher exemplos de inquietação. Nietzsche defenderá, por seu turno, que a saúde do momento resulta de um exercício da vontade feito a todo o instante:

Mas o que Nietzsche muito bem foi que essa serenidade se conquistava, não era inata, que resultava de um imenso esforço da vontade: para ele, tratava-se de uma vontade estética de deitar sobre os horrores da existência o véu ofuscante da criação artística. O que realmente existia na Antiguidade era, sobretudo, a vontade filosófica de encontrar a paz na alma através da transformação de si e do modo de olhar o mundo. (Hadot, 2019, p. 31)

São infernais, segundo Clarice Lispector, os seres que recusam o humano em função do fazer, da criação artística. Contrastivamente, a maioria das pessoas vive em busca inquieta de mais sal, poder, sucesso, reconhecimento; atormentados, angustiados e absorvidos pela insatisfação dos seus desejos, depreciam o essencial, a potencialidade do presente.

Enquanto o tempo se esvai, é desprezada a vida como criação, como explica Goethe neste passo belíssimo de uma carta a um amigo, o músico Zelter:

A presença tem realmente qualquer coisa de absurdo; imaginamos que é assim: vemos, sentimo-nos. Confiamos nisso. Mas não temos consciência do benefício que podemos tirar desses instantes. Queremos dizer o seguinte. O ausente é uma pessoa ideal, enquanto as pessoas que estão aí, presentes, aparecem aos olhos umas das outras como triviais. É de facto muito estranho que, devido à realidade



da presença, o ideal desapareça quase que por completo. Será provavelmente por essa razão que, para os Modernos, o ideal apenas se manifesta como nostalgia. (Goethe citado em Hadot, 2019, p. 20)

O ideal nunca coincide com o presente; com esta formulação, entende-se melhor em que consiste a melancolia. Os momentos da atualidade do bebê ou os da escrita relevam do espanto do real. Nada do que é significativo é adiado; nem real, nem presença são rebaixados à condição de trivialidade. Porque a presença é trivial, a trivialidade tornar-se-á o presente. Os Modernos seriam, em consequência, mais distraídos, estariam dessincronizados, des-espacializados, fora do tempo e do espaço, devido à expectativa de um ideal. Talvez esta sensibilidade seja mais exasperadamente atual no século XXI.

Em Clarice Lispector, o real equivale ao insofocável criativo. Ensopar a vida de humanidade seria ofender a vida, desconhecer-la. Em consonância com este raciocínio, é possível ler este passo paradoxal de *A paixão segundo G.H.*: “A nostalgia não é do Deus que nos falta, é a nostalgia de nós mesmos que não somos bastante; sentimos falta de nossa grandeza impossível – minha atualidade inalcançável é meu paraíso perdido” (Lispector, 2000, p. 121). São relançados os dados do jogo existencial: a nostalgia deverá existir em relação ao presente, tempo em que não somos bastante. A nostalgia de Deus é desejo insatisfeito de plenitude, o qual, por sua vez, engendra a carência que pouco ou nada permite fazer (nos termos de Hadot, a nostalgia reforçaria a equivalência da presença com a trivialidade).

A conquista da tranquilidade e da saúde depende do usufruto do presente, preenche de sentido ético, sem a inquietação quanto ao que o passado poderia ter sido, nem a respeito daquilo que o futuro reserva:

Tal como para o epicurista, para o estóico é a iminência da morte que concede ao instante presente o seu valor. “É necessário realizares cada acção da tua vida como se fosse a última”, diz Marco Aurélio. Assim, cada instante é tomado em toda a sua seriedade, em todo o seu valor, em todo o seu esplendor, e passamos a ver claramente a vanidade do que perseguimos com tanta inquietação e que a morte nos arrancará. É preciso viver cada dia com uma consciência tão aguda, com uma atenção de tamanha intensidade, que possamos dizer ao fim de cada dia: vivi, isto é, realizei a minha vida, tive tudo o que podia esperar da vida. Como diz Sêneca: “Quem formou assim o seu carácter, quem quotidianamente viveu uma vida completa, pode gozar de segurança”. (Hadot, 2019, p. 40)<sup>6</sup>

Só a consciência da iminência da morte permitirá que cada instante seja “tomado em toda a sua seriedade, em todo o seu valor”, mas também “em todo o seu esplendor”. Existe um fundo estoico na obra clariciana: descobrir o insofocável significa conquistar o presente, desejando. A presença implica a coincidência de um corpo consigo próprio e com o espaço e o tempo em que efetivamente se encontra.

Para Maria Filomena Molder, foi Lispector quem deu a melhor resposta à pergunta formulada por S. Agostinho em *De civitate dei*: “Existe entre os homens esta grande questão: o homem pode ser feliz e mortal?” (citado em Molder, 2017, p. 267), quando afirmou em *A descoberta do mundo*: “Amar a vida mortal, isso é a felicidade” (citada em Molder, 2017, p. 267). A descoberta da alegria mansa é, assim, o amor da mortalidade:

De morrer, sim, eu sabia, pois morrer era o futuro e é imaginável, e de imaginar eu sempre tivera tempo. Mas o instante, o instante este – a actualidade – isso não é imaginável, entre a actualidade e eu não há intervalo: é agora, em mim.

— Entende, morrer eu sabia de antemão e morrer ainda não me exigia. Mas o que eu nunca havia experimentado era o choque com o momento chamado “já”. Hoje me exige hoje mesmo. [...]

<sup>6</sup> Pierre Hadot (2019, pp. 31-42) explica com outro desenvolvimento como, neste ponto da argumentação, se cruzam o dever estoico com o prazer epicurista, pois ambas as doutrinas advogam o aproveitamento do tempo, ainda que por razões e motivações distintas.

A hora de viver é tão infernalmente inexpressiva que é o nada. Aquilo que eu chamava de “nada” era no entanto tão colado a mim que me era... eu? e portanto se tornava invisível como eu me era invisível, e tornava-se o nada. [...]

São onze horas da manhã no Brasil. É agora. Trata-se exactamente de agora. Agora é o tempo inchado até os limites. (Lispector, 2000, pp. 63-64)

Em sentido inverso, a melancolia e a angústia nascem quando se pensa e vive sobretudo noutra tempo que não o presente. Em nome de segurança e tranquilidade, são esquecidos os deveres mortais. A alegria implica, segundo Molder, arriscar não guardar para amanhã, viver com uma dose de perigo:

O dia de amanhã, o dia do nosso medo, da nossa providência, o dia da formiga, é um dia da prudência que não convém idolatrar (haverá outro dia do amanhã, o da herança, mas o seu uso não vem agora ao caso), pois impede o estar diante dos agoras, uma sombra que não deixa ver o risco que nos cabe por estarmos vivos. Nestes tempos que correm, o mais grave dos esquecimentos, pois só aprofundando o risco poderemos salvar-nos (é em Thoreau e a Bernanos que Clarice Lispector vai alicerçar a sua compreensão). Ainda mais que um esquecimento, um irreconhecimento combativo: a luta cega pela segurança. O carácter anestesiador dessa luta observa-se no viver como se houvesse outra vida para viver, fazendo soar a cantilena do diabo: adia, adia... (Molder, 2017, p. 270)

O presente é a hipótese do sagrado (e de uma certa maldade, que, se lida com Georges Bataille, consiste em ousar não pensar no futuro, não fazer do cálculo o centro da existência). À reflexão de Molder estará subjacente uma crónica de Clarice, “Aprendendo a viver” (Lispector, 2013, pp. 225-227), publicada no *Jornal do Brasil* em 28 de dezembro de 1968, na qual são feitas referências a Thoreau e Bernanos. No estilo denso habitual, a autora defende a importância de usufruir do presente, sendo feitas, para o efeito, duas citações de Thoreau. A primeira: “A opinião pública é uma tirana débil, se comparada à opinião que temos de nós mesmos” (como citado em Lispector, 2013, p. 226). Tantas vezes os nossos movimentos diários são os do medo, onde começam invisivelmente sofrimentos psíquicos e somáticos – há sempre o trabalho, a obrigação social de sentir e viver, o sôfrego sucesso, o e-mail. Esta autocondenação, esta dureza consigo próprio, criam, segundo Clarice e Thoreau, uma espécie de mal-estar, inviabilizando o possível, provocando a angústia, criando, inclusive, uma “covardia desnecessária” (Lispector, 2013, p. 226). Este julgamento perverso é desconstruído por Thoreau: “Creio que podemos confiar em nós mesmos muito mais do que confiamos. A natureza adapta-se tão bem à nossa fraqueza quanto à nossa força” (como citado em Lispector, 2013, p. 226). Outra frase extraordinária, que refere a importância da agência ética. Que o dia de cada um corresponda à síntese existencial elaborada no último poema de *Livro da dança* de Gonçalo M. Tavares (2018, p. 134): “a felicidade é mais importante que a realidade, portanto”.

## 5. A necessidade de consolo e o amor

Em “Menino a bico de pena”, o bebé, após tentar caminhar, cai. Sentado, olha em redor em busca do menino que a mãe supostamente havia chamado. Nesse movimento, cai e chora:

Com esforço e gentileza ele olha pela sala, procura quem a mãe diz que ele está chamando, vira-se e cai para trás. Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada pelas lágrimas, o volume branco cresce até ele – mãe! absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. (Lispector, 2001, p. 66)

A mãe consola-o de nova queda, envolve-o “bem no quente e no bom”. Depois disso, o bebê adormece até ser sobressaltado, em sonhos, pela palavra nova que aprendeu, mas de que não se lembra: “E para o seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe” (Lispector, 2011, p. 66). Como aconteceu depois da queda, o bebê necessita de consolo devido à ausência. Por conseguinte, chora muito:

Quase desfalece em soluços, com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio, ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima da minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe. (Lispector, 2011, p. 66)

Neste passo em discurso indireto livre, escutamos a voz do bebê dando eco às queixas humanas, refletindo sobre a impossibilidade de satisfazer a necessidade de consolo, como se o mundo estivesse em débito permanentemente. A dor isola o bebê do exterior; a mãe é o nome para tudo o que os humanos estão dispostos a fazer para não sentir nenhum tipo de abandono. O “compreensível”, a *doxa* que garantem a popularidade e “a barganha de ser amado”, a angústia a que cada um se entrega para que lhe seja concedida atenção, tudo isso é feito em detrimento da “felicidade real”.

O texto instiga ao abandono do próprio lamento e ao da reivindicação – por vezes, violenta – de compensação, de prazeres. Afirma Molder:

O que estás a fazer nem sempre tem bons resultados. Deita fora essa proximidade contigo, põe de lado esse feitiço da rememoração a quente. Põe o lamento na boca de outrem. Desfaz essa amizade com o teu próprio lamento. Deita pela borda fora os objectos sensíveis com os quais encheste a memória, alguns são surpreendentes, mas tens de te livrar deles e talvez te reapareçam desfigurados, macerados pelas ondas, transformados em pertenças do mar. Já não são mais teus, já não te protegem. Estão prontos para serem pastos das tuas chamas. Assim como os tens são refractários ao fogo, não consegues transformá-los em cinzas. E é isso por que anseias, sem saberes como fazê-lo. Tenta o que te disse. Requer uma disciplina feroz, uma frieza, um desprendimento, a que terás de obedecer sem teres de te decidir. (Molder, 2017, pp. 182-183)

Deitar fora o passado é árduo: os objetos, as memórias, as sensações, os gestos que o representam e que são memorados, por vezes, de modo obsidiante, mantêm-nos um passo atrás da vida, colocam o corpo atrás da sua realização possível. Clarice chama a este sacrifício de “grossa indiferença irradiante” (Lispector, 2000, p. 138). E explica-o:

A despersonalização como a destituição do individual inútil – a perda de tudo o que se possa perder e, ainda assim, ser. Pouco a pouco tirar de si, com um esforço tão atento que não se sente a dor, tirar de si, como quem se livra da própria pele, as características. Tudo o que me caracteriza é apenas o modo como sou mais facilmente visível aos outros e como termino sendo superficialmente reconhecível por mim. [...]

A despersonalização como a grande objectivação de si mesmo. (Lispector, 2000, p. 140)

Despersonalizar-se é decisão ética, não é possível ser de outra maneira. Abandonar a sensação de que o mundo está em dívida – abandonar a ‘mãe’ – não significa abandonar os outros. Pelo contrário, pois apenas concedendo ao instante o seu valor se garantirá que a presença de quem amamos não é trivial.

A mãe responde solícita ao choro da criança que anseia por ser reconhecida – e poderá ansiá-lo tanto a ponto de sacrificar a leveza:

Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, pára de chorar: mãe. Mãe é: não morrer. E sua segurança é saber que tem um mundo para traír e vender, e que o venderá. (Lispector, 2001, p. 66)

Nesta síntese incrível, mãe corresponde à vontade de continuar vivo e com força. Mãe como desejo de não morrer; a mãe garante que a vontade de querer viver continua (este desejo, refira-se rapidamente, é confundido com a maldade muitas vezes). O bebé, infere-se com um certo desencanto, irá fazer tudo para ter atenção dos demais, para ser humano.

Porém, ensaie-se outra leitura para este final. Considere-se o cuidado posto no filho, que, após constatar que lhe ia ser mudada a fralda, volta a chorar: “Pois se você está todo molhado!” (Lispector, 2001, p. 66). Esta atenção serena aos alarmes de existir depende da urgência ética solicitada pelo aqui e agora; depende da não postergação da vida. Em síntese: a ligação afetiva entre humanos – o amor, a ternura – resulta da consciência da mortalidade. Sob o olhar cuidadoso da mãe, a criança lembrar-se-á, em êxtase, da palavra aprendida durante o dia, talvez o primeiro desacerto com o espontâneo: “fonfom” (Lispector, 2001, p. 66). A criança aprende o amor e a cultura através do cuidar atento da mãe. A sobrevivência humana assenta, pois, nesta ausência de funcionalidade – no amor, urgente, aqui e agora.

## REFERÊNCIAS

- Boutang, P-A. (Realizador & produtor). (2004). *L'abécédaire de Gilles Deleuze avec Claire Parnet* [DVD]. Paris: Éditions Montparnasse.
- Deleuze, G. (2000). *Crítica e clínica* (trad. P. E. Duarte). Lisboa: Edições Sécuro XXI.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2003). *Kafka. Para uma literatura menor* (trad. R. Godinho). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (2004). *Diálogos* (trad. J. G. Cunha). Lisboa: Relógio d'Água.
- Diogo, A. A. L. (2006). A Dama e o relógio. In *Teoria com tipos móveis* (pp. 143-202). S/l: Pena Perfeita.
- Gil, J. (2018). *Caos e ritmo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hadot, P. (2019). *Não te esqueças de viver. Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* (trad. M. E. Santos). Lisboa: Relógio d'Água.
- Lispector, C. (1999). *Onde estivestes de noite* [1974]. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_ (2000). *A paixão segundo G. H.* [1964]. Lisboa: Relógio d'Água.
- \_\_\_\_ (2001). *Melhores contos. Clarice Lispector* (ed. W. N. Galvão). São Paulo: Global Editora.
- \_\_\_\_ (2002). *A hora da estrela* [1977]. Lisboa: Relógio d'Água.
- \_\_\_\_ (2012). *Água viva* [1973]. Lisboa: Relógio d'Água.

- \_\_\_\_ (2013). *A descoberta do mundo. Crónicas* [1984]. Lisboa: Relógio d'Água.
- \_\_\_\_ (s/d). *Laços de família* [1960]. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lopes, A. (2017). *Manhã*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Molder, M. F. (2017). *Dia alegre, dia pensante, dias fatais*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Mourão, L. (2015). Do formato mulher em Ruy Belo (pp. 175-183). In M. A. Athayde (org.), *Literatura explicativa. Ensaios sobre Ruy Belo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Sloterdijk, P. (2018). *Tens de mudar de vida. Sobre antropotécnica* (trad. C. Leite). Lisboa: Relógio d'Água.
- Tavares, G. M. (2018). *Livro da dança* (pref. J. Studart) [2001]. Lisboa: Relógio d'Água.